

# O Progresso Catholico

«... sequor autem, si quo modo  
comprehendam...»

AD PHILIP, 3, 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA  
LITTERATURA E ARTES

«... ad ea que sunt priora extendens meipsum  
ad destinatum persequor, ad bravium  
triumphi Ecclesie... in Christo Jesu.»

AD PHILIP, 13, 14.



## IRMÃ JOANNA DAS CINCO CHAGAS

R. I. P.

CHAMOU-SE, no seculo, Joanna Alves da Silva, e foram seus paes Rodrigo José da Silva e Thereza Joaquina Alves, da freguezia de S. Salvador de Delães, do concelho de Famalicão.

Professando na benemerita congregação das Irmãs Hospitaleiras portuguezas, serviu, como simples irmã, nos hospitaes da Misericordia de Guimarães e da Ordem Terceira Franciscana, de Lisboa, d'onde passou, como superiora, para o Asylo dos Invalidos, d'esta cidade, morrendo no exercicio d'este cargo.

Contava apenas 42 annos de idade.

Não pôde haver historia mais simples, nem simplicidade mais tocante.

Nem d'outra fórma se devia fallar da humilde religiosa, filha espiritual e mui dilecta do glorioso patriarcha d'Assis. Quem tanto se furton ás vistas do mundo, que nem sempre comprehende, mas que muitas vezes desvirtua e deprime, o que ha de sublime e heroico, de generoso e divino, no exercicio acrisolado da mais bella das virtudes — a caridade — não podia ter outra apothese, que não fosse a da admiração silenciosa em presença de tantas benemerencias, modestamente escondidas nas dobras d'um habito, outra consagração, que não fosse a do reconhecimento sincero por tantos serviços, prestados generosamente, desinteressadamente, em pròl dos que soffrem.

Não é, nem podia ser, outra a significação d'esta singela homenagem prestada, á memoria da religiosa extincta, pelo *Progresso Catholico*. Se outro valor ella pudesse ter, seria, certamente, o de evidenciar o alto apreço em que temos a benemerita congregação a que pertenceu, em vida, a Irmã Joanna das Cinco Chagas, — congregação, onde as dedicações, como as d'ella, são communs, onde florescem, como em jardim mimosamente cultivado, virtudes tam estremadas, exemplos tam altiloquos de abnegação e desinteresse!

Paz á sua alma!

A REDACÇÃO.

**Summario:** *Irmã Joanna das Cinco Chagas.* — *Pastoral.* — 1640, pelo Padre Coimbra. — *Secção religiosa:* *A oração,* por Henri de Surrel de Saint-Julien. — *Secção scientifica:* *O Diabo e as suas obras,* pelo Dr. D. Salvador Casañas y Pages. — *Secção historica:* *1 de dezembro de 1640,* por José Maria Rodrigues Valente; *A Congregação do Sagrado Coração de Jesus em Guimarães,* por O. G. — *Secção litteraria:* *Sobre cruzes,* por José Maria Ançã. — *Secção bibliographica.* — *Secção illustrada.* — *Retrospecto,* pelo Padre J. A. Ribeiro Junior. — *Secção administrativa.*

**Gravuras:** *S. Miguel.*

## Pastoral

**D. AMERICO,** Cardeal Presbytero da Sancta Igreja de Roma, Ferreira dos Sanctos Silva, do Titulo dos Quatro Sanctos Coroados, por graça de Deus e merecê da Sancta Sé Apostolica Bispo do Porto, do Conselho de Sua Magestade Fidelissima, Par do Reino, Grã-Cruz da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, e Commendador da de Christo, etc.

*Ao Exc.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Cabido, Reverendos Parochos, Clero e mais Fieis d'esta Nossa Diocese, Saude, Paz e Benção em Jesus Christo Nosso Senhor e Salvador.*

**Q**UANDO, ha dezeseis annos, andavamos deliberando a sós comnosco se estabeleceriamos n'esta Diocese do Porto por modo permanente a obra da collecta do Dinheiro de S. Pedro a favor do Sancto Padre Leão XIII, oscillavamos entre o sim e o não, ora para um lado ora para o outro, conforme Nos acudiam razões pela affirmativa ou pela negativa.

O espirito timorato, aquelle que sempre hesita perante qualquer empreendimento, ou seja de pequeno alcance ou de futura magnitude, suggeria-Nos que uma subscrição, quando solicitada uma vez ou outra, é facilmente attendida, e poucos se recusam a dar para ella contingente conforme suas posses: repetida, porém, cada anno e superiormente sempre desagradavel de tributo; tornar-se-ia onerosa, e seria por fim menos bem recebida, talvez mesmo de todo negada.

E porque a má vontade de dar procura de boamente desculpa na pouca precisão do pobre para quem se pede, ou na preferencia pela caridade chamada bem entendida, — o mesmo espirito timorato ainda accrescentava, que não faltariam muitos e muitissimos que contrariassem a nova empreza, e allegassem que o Sancto Padre não é tão necessitado como se pretende, que nunca lhe escassearam recursos para o desempenho do seu

Cargo, e que antes de acudir ás necessidades dos de fóra, justo é olhar pelos de casa.

Se vos confessamos, caros Diocesanos, estes pensamentos, que o espirito maligno Nos segredava, e com que insidiosamente tentava desviar-Nos d'um sancto intento, é porque não só vos deveinos a verdade toda, mas principalmente porque logo e em seguida occorriam em resposta razões imperiosas e decisivas a desfazer as objecções postas, e a impellir-Nos o coração para onde já naturalmente se inclinava.

Para longe, diziamos Nós, para longe esse temor pusillanime, que é elle uma injuria á indole liberal dos Fieis da Diocese do Porto, e uma injustiça ao seu nobre character, pois que jámais foi invocada em vão a generosidade d'elles para obras de caridade ou de religião, e ao seu Prelado menos que a ninguem é permittido d'ella duvidar, quando até hoje ainda não encontrou onvidos fechados em qualquer das muitas occasiões em que se tem dirigido aos seus Filhos Espirituaes. A consciencia lhes diz que um donativo não pôde tomar o character de tributo exigido, nem perde o merito de dadiva espontanea, quando offertado voluntariamente, embora a pedido de um Superior.

Por certo, diziamos ainda, não faltarão infelizmente espiritos que, não fazendo idéa exacta dos deveres do Summo Pontífice, e medindo as necessidades dos outros pelas proprias, julgarão de boa ou má fé que a collecta do Dinheiro de S. Pedro é obra de luxo superfluo, e se terão por dispensados de para ella concorrer: a quasi totalidade, porém, dos Fieis pensará de outro modo e por fórma mais consoladora.

Esses Fieis com os quaes contamos, continuavamos Nós, são em numero muito mais subido do que geralmente se pensa. Com a comprehensão, senão de todo nitida pelo menos quasi completa, dos pesados encargos inherentes ao Summo Pontificado, hão de reconhecer que ao Chefe da Igreja incumbe prover á congrua sustentação de todos aquelles, que, seus subordinados, O servem no desempenho da sua missão de Supremo Pastor. São elles os Cardeaes residentes em Roma; os Empregados das Congregações, Tribunaes, e Repartições Ecclesiasticas, que dirigem os negocios superiores; os Nuncios acreditados junto das Nações Catholicas; os Missionarios enviados a todo o Orbe, onde haja a pro-

pagar ou conservar a Fé: — outros tantos funcionarios, com direito cada um a vencimento consoante a sua categoria e serviços exigidos. E se estas despezas podem ser mais ou menos aproximadamente taxadas no orçamento pontificio, a par d'ellas vem encargos fóra de calculos humanos e são os da caridade, pois que não faltam infortunios particulares ou calamidades publicas que se acolhem ao Pae Commum dos Fieis, esperando d'Elle a consolação d'alguem soccorro. Durante seculos o Papa foi Rei dos Estados Pontificios: tinha erario d'onde auferia meios para estas despezas. Porém hoje, de tudo despojado contra o direito das gentes, os interesses da Igreja e o bem da Religião, — é de absoluta necessidade que os soccorros lhe vão de todos os Fieis Catholicos para salvar ao Supremo Pastor sua independencia espiritual.

Assim o têm feito, accrescentavamos Nós, os fieis de quasi todas as dioceses no estrangeiro: e porque é que os da do Porto não entrarão tambem n'esta aggremação geral tão edificante? Por certo não terão elles a pretensão de irem com o seu obulo tirar o Sancto Padre das angustiosas difficuldades com que lucha; mas procurarão allivial-as quanto n'elles couber. O que, porém, é de maior alcance, e o espirito illustrado e nobre de Leão XIII mais estima e préza acima de tudo, — é cada donativo, por pouco que em si valha, ser um tacito protesto contra a iniquidade, de que é innocente victima, — uma affirmação de inabalavel adhesão á Sua Pessoa e á Sancta Sé.

E por ultimo: Deus Nos perdõe, se no que vamos dizer entre alguma vaidade: mas uma voz interior Nos vinha segredar, que os Nossos caros Diocesanos, penhorados pela honrosa mercê recebida na pessoa do seu Prelado, elevado á excelsa dignidade de Cardeal, aproveitariam ensejo tão favoravel de testemunharem seu reconhecimento, e de bom grado concorreriam para a obra do Dinheiro de S. Pedro.

Calaram no Nosso espirito estas concludentes razões, tão consoantes ao que Nos pedia o coração, e mettemos mãos a esta obra cheio de confiança tanto na justiça da causa que advogavamos, quanto, senão mais, nos preclaros sentimentos e provada religião dos Diocesanos do Porto.

Dezeseis annos são decorridos desde então, — outros tantos a affirmarem quanto era bem fundada a Nossa esperança, e quão liberalmente tem sido

acolhido o Nosso appello. Cada anno temos dado conta do producto das subscripções no anterior, apresentado os devidos agradecimentos pelos donativos recebidos, e solicitado novamente sua continuação. O mesmo vimos agora fazer.

Junto a esta Carta Pastoral vai a conta do anno de 1893, cuja somma na importancia de 2:094,5055 reis em tempo depuzemos aos pés de Sua Santidade por intermedio do Exc.<sup>mo</sup> Arcebispo de Tyro, Nuncio Apostolico n'estes Reinos. Com ella aceitsem todos os Subscriptores a expressão sincera do Nosso mais vivo reconhecimento e do fervor com que rogamos a Deus lhes retribua mil por um o beneficio feito ao Seu Vigario na terra. Dado este agradecimento geral, a ninguém por certo offenderemos em seu melindre, se a elle accrescentarmos menção especial do Reverendo Clero, a cujo zelo pelas cousas da Religião, e affectuosa deferencia para connosco, de ha muito sabemos, é principalmente devido o bom resultado d'esta e mais collectas por Nós promovidas. A todos, pois, e cada um dos Presbyteros Nossos Cooperadores endereçamos d'aqui os protestos da Nossa cordial gratidão.

Por muito, porém, que agradeçamos, mais alto falla e com voz mais carinhosa se exprime o Sancto Padre na carta com que Nos honrou ao receber o donativo d'esta Diocese do anno passado. Aqui a apresentamos no texto original e em traducção para portuguez.

### LEO P. P. XIII

DILECTE FILII NOSTRI. SALUTEM ET APOSTOLICAM BENEDICTIONEM

Beati Petri stipem, elapso etiam anno a fidelibus Diocesis tuae collatam, accepimus nuper per Ven. Fratrem Dominicum Archiepiscopum Tyrensem, Nostrum penes Lusitaniae Regem Oratorem; simul litterae ab eodem sunt redditae, quas tu, testes observantiae tuae et amoris, ad Nos dedisti. Catholicorum episcopalis curis tuis commissorum quanti studium faciamus, ac pietatem in Apostolicam Sedem, non est cur prosequamur multis; laudi enim magnopere vertendum est quod angustias Nostras levare pro viribus non intermiserint dum secundis ipsi rebus nequaquam utuntur. Ne tamen ulli sit dubium, quin obsequium Beato Petro adhibitum singulorum etiam adhibentium necessitatibus amplum a Deo benignissimo subsidium sit allaturum. Hujus autem subsidii auspiciem, simulque grati animi Nostri ac benevolentiae pignus Tibi, Dilecte Fili Noster, Fidelibusque universis, qui recentem hanc Nobis filialis charitatis significationem dedere, Apostolicam benedictionem peramanter impertimus.

Datum Romae, apud S. Petrum die VIII Junii M.D.CCCXCIV, Pontificatus Nostri anno decimo septimo.

LEO P. P. XIII.

### LEÃO XIII, PAPA

DILECTO FILHO NOSSO, SAUDE E BENÇÃO APOSTOLICA

Pelo Veneravel Irmão Domingos, Arcebispo de Tyro, Nosso Nuncio junto a El-Rei de Portugal, recebemos ha pouco a collecta do Dinheiro de S. Pedro subscripta tambem no anno passado pelos Fieis da tua Diocese: e juntamente Nos foi pelo mesmo remetida a carta, que Nos dirigiste em testemunho de veneração e amor. Não se faz preciso expendermos muito quanto apreciamos o zelo dos catholicos confiados a teus cuidados episcopaes, e sua devoção para com a Sé Apostolica; pois é altamente para louvar que não cessem de mitigar quanto podem Nossas angustias, quando a elles proprios de nenhum modo são os tempos favoraveis. Ninguem, porém, duvide de que o obsequio feito a S. Pedro ha de trazer tambem nas precisões de cada um dos que o prestam — amplo auxilio do benignissimo Deus. Em auspicio d'este auxilio e ao mesmo tempo em penhor da Nossa gratidão e benevolencia, a Ti, Dilecto Filho Nosso, e a todos os Fieis que Nos deram esta nova prova de amor filial, de todo o coração concedemos a Benção Apostolica.

Dada em Roma, em S. Pedro no dia 8 de Junho de 1894, decimo setimo anno do Nosso Pontificado.

(assignado) LEÃO XIII, PAPA.

A este documento de paternal affecto e cordial gratidão não faremos commentarios, com risco de lhe diminuir o valor. Deixamos aos Subscriptores o prazer de o apreciarem por completo, e com elle, como chave de ouro, fechamos esta Nossa Carta Pastoral.

Declaramos, pois, aberta n'esta Diocese a collecta para o Dinheiro de S. Pedro relativa ao corrente anno de 1894, na fórma dos anteriores, e de novo solicitamos as offertas de todos os Nossos caros Diocesanos; e grande mercê seria, se os Reverendissimos Vigarios da Vara e Reverendos Parochos fizessem entrega na Camara Ecclesiastica até ao fim do proximo mez de Fevereiro dos donativos recebidos.

Esta Carta Pastoral será remetida a todos os Reverendos Parochos para a lêrem á Estação da Missa Conventual no 1.º dia depois de recebida, darem conhe-

cimento aos seus parochianos da quantia por elles offertada, segundo a verba da conta geral junta, e certificarem-nos de que em nome de Sua Santidade e no Nosso imploramos para elles a Benção de Deus nosso Senhor.

Dada no Porto e Paço Episcopal sob Nosso Signal e selto de Nossas Armas, aos 5 de Novembro de 1894.

AMERICO, Cardinal Esopo de Porto.

O Secretario,

Conego Manoel José Gonçalves Corrêa e Sá.

1640

AURORA d'este dia devia ser bem semelhante á primeira que olhos humanos viram purpureada de esperanças, illuminada de jubilos e opulenta de triumphos.

Para almas nobres, como a grande alma portugueza, era-lhes mil vezes preferivel a escuridão do tumulo ás sombras dos ergastulos, morrerem honradas, do que viverem escravas.

O sol que é sol tem tambem seus eclipses — e Portugal, maior na sua grandeza do que o proprio sol, porque illuminava simultaneamente todo o orbe, teve tambem como os astros densas escuridões.

1580 não foi a morte, foi um pesadelo enorme, providencial até, para depurar as ambições egoistas que nasciam naturalmente das suas riquezas; soffrear os desatinos e temeridades da sua orientação irreflectida e falsa; evidenciar n'esta gloriosa, mas já abastardada raça de heroes, o verdadeiro merecimento e o genuino sangue de valor.

Sim, o gigante, que impunha leis « á terra, ao mar, ao mundo », não podia ser subdito de ninguém; porque não se ageitam algemas a pulsos de gigantes!

Nenhum povo conquistou mais honrada e nobremente a sua autonomia, por isso a nenhum devia ser tambem tão incomportavel e duro o jugo do captiveiro.

Confiscaram-nos todas as regalias politicas, e cercearam-nos os mais inadiaveis direitos civis; exacerbaram-nos com onerosissimos tributos, julgando fazerem-nos fracos, tornando-nos pobres; zombaram da nossa miseria absorvendo todos os thesouros da caridade religiosa; eramos no sólo sagrado da nossa patria meno-, muito menos, que os judeus, a quem a troco de grandes quantias davam liberdades e honras

que nos negavam a nós; e por ultimo ia desaparecer a ultima e preciosissima reliquia da nossa grandeza e autonomia — a bandeira nacional!...

Era o ultimo golpe — golpe fatal. Então o gigante acordou do seu pesadelo profundo, olhou em volta de si e viu o desterro na propria patria; viu os pulsos que domaram a Africa, a Asia e a Oceania agrilhoados, a frente que desafiara as tempestades e as tormentas, que nobre e ampla intimidara o Adamastor, vergada ao jugo de escravo; a voz que promulgara leis ao mundo, retrahida, sulfocada ainda aos mais justos protestos da justiça; entrou na sua consciencia e como o novo Samsão disse: «Eu?!... preso?!... morto sim, mas vencido nunca; quem tem o sangue de Henriques, dos Albuquerque, dos Castros e dos condestaveis; quem tem uma historia como eu, não póde morrer»; soltou o arranco vigoroso. Então o colosso estremeceu, baqueou, abriu-se ao seu impulso potente.

Mirifica revolução, genese d'uma nova civilização, em que a idéa dominaria o facto, o direito a força, a palavra e a espada! Portugal levantou-se a uma altura suprema, dando na grandiosa restauração do seu direito o nobre exemplo de civilização.

Se não houve captiveiro tão affrontoso, também ninguém teve restauração tão triumphante, gloriosa e immaculada.

Não teve baptismos cruentos das batalhas, nem os fumos asphyxiantes dos holocaustos — foi serena como as brisas e formosa e pura como a luz. Nem uma gotta de sangue! Miguel de Vasconcellos não se conta, porque não se pesa na balança da justiça o sangue dos traidores!

Real, real, viva D. João, rei de Portugal — era o grito que reboava a todos os cantos como a nova aurora da Redempção; era o resfolego de todas as almas oprimidas, e balsamo de tantas angustias.

Como sempre, nos factos culminantes da nossa historia, a religião apparece a coroar as aspirações mais sanctas e a confirmar os direitos sacratissimos dos povos.

As descargas das fortalezas responderam os repiques das torres; ao real real, do alto do palacio, os *Te-Deum* sob as abobadas do templo.

É que só são verdadeiramente grandes as nações profundamente crentes. Quem foram os grandes apóstolos d'esta idéa, senão os que o não foram menos da idéa christã? Quem ignora os discursos do nosso Demosthenes contra os Hollandezes, o grande Vieira? Quem desconhece a coragem de Fr. Luiz da Natividade que, em 1638, no calor do

entusiasmo e d'uma sancta indignação, pregoava d'um dos pulpitos de Guimarães que Portugal havia de ter um rei portuguez? Quem orientou a opinião franceza senão José Teixeira, capellão de Henrique iv. a ponto de se alistarem muitos voluntarios francezes, para sustentar a independencia? Quem teve o desassombro e coragem de traduzir assim ao cardeal Alberto as palavras do *Ev. — surge et ambula* — Senhor, tome o seu fato, vá para sua casa?

Quem alimentou a esperança do povo senão os padres da Companhia e os dominicos, com a lenda do rei encoberto? Quem arrastava o povo com esta esperança, como diz D. Francisco Manoel, porque é sempre facil persuadir ao coração o que elle deseja?

Sem o apoio d'este apostolado, diz Rebello da Silva, «não é provavel, por maior que fossem as offensas, que a nobreza arriscasse tão de leve, a acclamação de D. João iv». É que estes dois sentimentos derivam um do outro; espiritos baixos precisam de subir pelo suborno, corações derrancados, que querem gozar arruinando, hão de necessariamente ser o que foram os portuguezes de 1580; almas generosas, que antepõem os interesses proprios ao bem commum, que têm na consciencia um código e na verdade suprema um culto, serão os de 1640. Festejemos o dia aproveitando a lição.

PADRE COIMBRA.

## SECÇÃO RELIGIOSA

### A Oração

PELO REGRESSO Á UNIDADE CATHOLICA DOS HEREJES E SCISMATICOS

**S**OB esta epigraphé lê-se em *L'Univers*:

A esta hora, illustres principes da Igreja latina e da Igreja grega estão reunidos em Roma, sob a presidencia de Leão XIII, para estudar os meios de trazer á unidade as igrejas separadas do Oriente. É, pois, occasião propicia de pedir aos fleis, que orem com todo o fervor de que são susceptiveis, segundo as intenções designadas nas Letras apostolicas *Praeclara gratulationes*. Foi em consequencia d'estas admiraveis Letras, que se resolveu a celebração das conferencias. Possa o nosso Santissimo Padre ter a consolação de levar a feliz termo uma empreza tão digna d'Elle!

Eis a formula da Oração que propomos ás pessoas piedosas:

Antiphona

Pater sancte, servae eos in nomine tuo, quos dedisti mihi; ut sint unum sicut et nos. Sanctifica eos in veritate. Et pro eis sanctifico me ipsum; ut sint et ipsi sanctificati in veritate. *Hogo* ut omnes unum sint, sicut tu Pater, in me, et ego in te, ut et ipsi in nobis unum sint. Ut sint unum sicut et nos unum sumus. Ego in eis, et tu in me, ut sint consummati in unum. Pater, quos dedisti mihi, volo ut ubi sum ego, et illi sint mecum.

v. Et alias oves habeo quae non sunt ex hoc ovili; et illas oportet me adducere.

n. Et vocem meam audient, et fiet unum ovile et unus Pastor.

Oremus

Domine Jesu Christe verè Pater de coelo, quem omnes manducantes in unitate fidelitatem aeternam habebunt, te supplices exoramus pro desideratissimis fratribus nostris haereticis et schismaticis; ac petimus ut redeant ad pascua Ecclesiae sanctae tuae catholicae et in petra, quae Romae posuisti visibiliter, nobiscum solidentur. Qui vivis et regnas, etc.

Antiphona

Pater sanctissimo, conserva nos in nomine tuo, et aquellos que me confiares, a fim de que sejam um como nós. Sanctifica-os na verdade. E por elles que eu me sanctifico, a fim de que elles sejam sanctificados na verdade. *Peço* que todos sejam um, como vós, Pater, estaes em mim e eu em vós, a fim de que elles sejam tambem um em nós. Para que sejam um assim como nós somos um. Eu estou n'elles, e vós em mim, para que sejam consummados na unidade. Pater, aquellos que vós me destes, quero que estejam onde eu estou e que elles sejam conmigo.

v. E tenho outras ovelhas, que não são d'este redil; é necessario que eu as conduza.

n. E ellas ouvirão a minha voz, e haverá um só redil e um só Pastor.

Oração

Senhor Jesus Christo, verdadeiro Pão do céu, que prometteis a vida eterna a todos que vos commungarem na unidade da fé, nós vos apresentamos as nossas supplicas em favor dos nossos irmãos muito desejados os herejes e os scismaticos, e vos pedimos que os reconduzaes ao seio da Igreja catholica e os estabelecaes solidamente sobre a pedra que d'um modo visivel collocastes em Roma. Oh vós que viveis e regnaes, etc.

Esta Oração, como se vê, é quasi inteiramente composta de palavras tiradas do Evangelho de S. João. Na oração que a termina, está contida a recordação do congresso eucharistico de Jerusalem, n'estas palavras: verdadeiro Pão do céu, etc. Este congresso foi o providencial ponto de partida d'um movimento de união que estamos presenciando.

HENRI DE SURREL DE SAINT-JULIEN,

Missionario apostolico.

## SECCÃO SCIENTIFICA

## O Diabo e as suas obras

(Continuado do n.º antecedente)

**A**CRESCENTAMOS ainda que é peccaminoso consultar algum somnambulo, *medium*, ou facultativo hypnotista, para conhecer coisas occultas ou futuras, ou saber o diagnostico de alguma enfermidade, os remedios, o curso ou termo da mesma, porque toda a consulta feita ao diabo ou a quem com elle está em relação, para um negocio qualquer que haja de resolver-se por intervenção diabolica, é intrinsicamente má e peccaminosa, sem que possa servir-lhe de escusa o bem que porventura se intente obter, pelo tam sabido principio de que o fim não justifica os meios quando são máos! <sup>1</sup>

Pessoas ha, como n'outra parte expozemos, que de boa fé, porém com leviandade inexplicavel n'um bom catholico, teem consultado os hypnotistas para obter o allivio de seus males ou do de seus filhos. Similhante proceder é egual ao dos que, nos antigos tempos, pagando tributo á magia, consultavam um *nigromante*, para que lhes descobrisse um segredo, ou lhes dêsse a conhecer seu destino, ou a indole de sua enfermidade, que tudo vem a ser o mesmo.

E em tam negro abysmo vieram a cahir esses homens phenomenaes por seus conherimentos nas sciencias physicas e medicas: a desempenhar a missão de *nigromantes*! Até tal ponto se ha envilecido a dignidade de certos homens a applaudir e a consultar um *nigromante*, para que os instrua e allivie nos seus pezares!...

Apartai-vos pois d'esses espectaculos onde periga a vossa fé e a honestidade de vossos costumes. Não queiraes ter parte com esses homens que a teem com o diabo, nem coopereis com vossa presença e vosso dinheiro para a exaltação de Satanaz e cumprimento de seus desastrados designios contra Christo e sua sancta e immaculada Esposa. N'isto, como sabeis, vai, por egual, interessado o vosso decoro e a vossa dignidade. A isto, sobretudo, vos obriga a vossa nobre condição de filhos doceis e obedientes da Igreja sancta.

## CONCLUSÃO

Ao findar a leitura d'estas paginas todos vós conhecereis indubitavelmente

<sup>1</sup> Non sunt facienda mala ut eveniant bona.

a significação altissima dos Exorcismos mandados publicar pelo nosso Sanctissimo Padre o Papa Leão XIII, não menos que as poderosas razões que nos demoveram, com tal ensejo, a occuparmos da intervenção diabolica nos negocios do mundo. Sempre considerámos de grande utilidade e summa transcendencia os actos dos Papas concernentes á eterna salvação das almas e ao bem commum da Igreja e sociedade civil, porque sendo os Papas como os luzeiros que Deus poz no alto para alumiar os dois hemispherios, são pois suas palavras como luz e guia que dirigem nossos passos e esclarecem nossos caminhos.

Temos, não já tam só opinião, mas convicção arraigada e profunda, de que o Papa, ao dirigir-se aos bispos da Igreja catholica com o character de mestre universal, obedece á illustração d'Aquelle que lhe confriu o encargo de apascentar as ovelhas e os cordeiros do mystico rebanho. Isto pensamos dos supraditos Exorcismos. Quando no mez de maio de 1890, a sagrada congregação da *Propaganda Fide*, por disposição pontificia, os enviou por meio de circular a todos os bispos, desde logo determinamos cumprir o gratissimo dever de dal-os a conhecer aos nossos amados diocesanos.

Ao lêrdes attenta e demoradamente as paginas que hemos dedicado á explicação das tres principaes especies de manifestações diabolicas representadas nas tentações, obsessões e spiritismo moderno, indubitavelmente haveis visto com espanto, e araso com horror, os gravissimos damnos e os immeños infortunios causados por nosso irreconciliavel e commum inimigo, e haveis podido convencer-vos uma vez mais de quam acertado procedeu Sua Sanctidade quando escreveu «que o nosso antigo inimigo e homicida circuita e invade toda a terra para apagar, se fosse possível, o nome de Deus e do seu Christo, e perder eternamente as almas... e que derrama nos homens de coração depravado e mente corrompida a peçonha de sua maldade, á maneira de um rio immundissimo que tudo invade, infiltrando-lhes o espirito da mentira, da impiedade e da blasphemia, e o habito mortifero da injuria e de todos os vicios e iniquidades».

Porém tambem haveis podido sentir e admirar as manifestações da summa bondade de Deus que com inefavel benignidade, por ministerio da sancta Igreja, nos assignala onde estão os perigos, nos descobrê as emboscadas que nos são armadas, e nos provê copiosamente de meios segurissimos para podermos sahir victoriosos dos combates com que a todas as horas o inimigo nos conturba.

Oh! quanto nos ama a sancta Igreja! Quanta é sua diligencia e desvelada a sua instancia em tudo que interessa á nossa sanctificação! Só quem contar as estrellas do céu poderá avaliar o numero de larguezas e beneficios que nos proporciona. Como devêra sua solicitude provocar-nos o intensissimo amor e agradecimento perpetuo! E não obstante, poucos são os que assim a amam e lhe correspondem; muitos, os que a tornam objecto de seus desdens; muitissimos, os que a lançam a peccaminoso olvido.

Não sejaes vós nunca d'esse numero de desagradecidos; amai a esta Mãe que vos estremece, e correspondei com sentimentos de piedade filial a seus amores e desvelos. Que seria de nós se, rodeados das espessas trevas do erro e do peccado, que por toda a parte difunde o tam propriamente chamado *principe das trevas*, não fôramos illuminados pela Igreja com as luzes da sua doutrina, que nos permite caminhar com segurança e desembaraço em pós do nosso glorioso destino? Para lhe responder agradecidos, segui-lhe com docilidade os salutaes conselhos e ponde em pratica seus elevados ensinamentos, para assim serdes libertados das insidias do inimigo.

Neste intento, cumpri fielmente o que nos diz o Apostolo S. Pedro, por aquellas palavras, que nos hão servido de thema, e por vezes deixamos commentadas n'esta lustrucção. Admoestanos o Principe dos Apostolos que *resistamos firmes na fé, sendo sabios, e estejamos em continua vigilancia*. Quatro condições descobre aqui o Doutor Angelico, em opposição ás quatro abominaveis qualidades que caracterizam o nosso terrivel inimigo <sup>1</sup>. O diabo, diz a similhante proposito, obra contra nós ao impulso de sua perversidade e do odio invejoso que, em seu animo, accumula contra nós: *Adversarius vester*. A nós nos cumpre oppôr-lhe uma vontade firme e decidida: *Resistite*. D'onde parece que devemos lutar contra elle impellido de amor sincero e generoso, antepoendo a gloria de Deus, a utilidade da Igreja e a salvação eterna de nossas almas a todo o humano respeito, a toda a conveniencia social, a toda a condescendencia com o mundo e com os amadores do mundo.

(Continúa).

DR. D. SALVADOR CASASAS Y PAGÉS.

<sup>1</sup> S. Thom., *Comm.* in cap. viii, epist. I. Petr.

## SECÇÃO HISTORICA

1 de dezembro de 1640

**S**ÓARA para a patria a hora fatal! Na madrugada de 24 de junho de 1580, embarcava nas praias do Rastello, a flôr da aristocracia portugueza, para nas plagas africanas ir encontrar morte affrontosa e quasi sem gloria!

Foi dolorosa a despedida, tanto para os que partiam, como para os que ficavam; um joven monarcha, ardendo no entusiasmo das cavallarias, levava após si a belleza da mocidade lusitana, para nos areas d'África vingar um rei mouro e propagar a fé de Christo onde nunca se poderam propagar as sementes da civilização europeia.

Nem a franqueza de conselheiros leaes e honrados, nem a sensatez do conselho de Estado poderam dissuadir D. Sebastião de tão ardua empreza.

Partiu, e com elle todas as esperanças da patria.

Correram os tempos, e um dia chega a Lisboa a infausta nova do fim desastroso da expedição.

O rei morrera no ardor da peleja, conjunctamente com o exercito.

A nação ficou em luto e tentava inutilmente restabelecer-se, mas faltava-lhe a energia e por isso facil foi eliminar a patria de quem não existia, como é facil derribar o edificio a que a corrente levou os alicerces.

Não acabou tudo, porque ao menos ficou a recordação do passado.

O fogo sagrado do amor da patria estava sopitado sob ruinas de muito egoismo, mas a justiça de Deus revolveu aquelle cinzeiro vil e espesso, e logo a chamma reapareceu viva, esplendida e brilhante.

A esperança em Maria, manifesta em cada uma das estrophes dos cantos sentidos com que o bom povo chorava sobre as desgraças da patria, era um feliz presagio de que o dia libertador estava proximo.

Chegou alfim o dia 1 de dezembro de 1640.

Quarenta honrados portuguezes tomam a seu peito, ou de levantarem-se com a patria e por ella morrerem, ou empobrecerem e desfinarem-se por essas masmorras ou no exilio.

Era claro qual era o melhor partido. E as vozes que das janellas do paço real, invadido pelos nobres conjurados, levantou o venerando D. Miguel d'Almeida, VIVA D. JOÃO IV, eccoaram freneticamente por todo o Portugal.

Parece que até, reanimadas, apertando os punhos das espadas, fizeram estremecer seus tumulos as cinzas glorio-

sas de Affonso Henriques, D. Sancho I e do Mestre d'Aviz!

Levantou-se Portugal, e levantou-se cheio de vida!

Comparaveis aos Pereiras, aos Menezes e aos Pachecos, lá se erguem os Mathias d'Albuquerque, os marqueses de Marialva e os Jacques de Magalhães.

E a aguia bateu azas, baixou á terra, levando nas garras as cadeias da escravidão de um povo, que lhe admirava no vôo, a liberdade que lhe provinha do céo.

A época de ferro acabou, o despota baqueou do throno!

Tal é o fim dos governos que em vez de amarem os povos seus subordinados, os escravizam e tyrannizam!

Um mau governo alheia todas as vontades, entibia todo o zelo, annulla todo o patriotismo.

Tal foi o governo castelhano.

Se bem analysarmos o governo de então, com o nosso actual, veremos que a differença não é muito grande.

Mas esqueçamos n'este dia os vexames, penuria e vilza a que nos têm reduzido os nossos governantes, e lembremo-nos tão sómente do alto feito que n'elle se commemora!

Salvè, pois, mil vezes salvè, dia para sempre memoravel!

E saudando-te, levantemos o pensamento até Deus, em cujas mãos estão os destinos dos individuos, das familias e das nações; permita elle, que a sua divina protecção desça sobre a nossa infeliz patria!

Ó Maria, abençoai, engrandecei e defendei este povo, que é vosso e é vossa herança!

*Salvum fac populum tuum et benedic hereditati tue.*

Moreiras Grandos, 28 — 11 — 1894.

JOSÉ MARIA RODRIGUES VALENTE.

## A Congregação do Sagrado Coração de Jesus em Guimarães

150.º ANNIVERSARIO

Não vem fóra de proposito historiar o inicio da devoção ao Sagrado Coração de Jesus em Guimarães, esta terra nobilissima, que ás tradições gloriosas, que a distinguem na historia patria, allia tradições não menos gloriosas nos fastos do christianismo.

Agora que Guimarães, continuando essas honrosissimas tradições, acompanha o salutar movimento de regeneração christã, que em todo o paiz e em todo o mundo catholico caminha resolutamente, o qual não tem outro fim senão fazer que Jesus Christo reine nas almas pela graça, nas familias pelo temor de

Deus, e na sociedade inteira pelo reconhecimento pratico dos eternos principios da justiça, da religião e sã moral, fim da devoção ao Sagrado Coração de Jesus<sup>1</sup>; agora que se completam, n'este mez, 150 annos, que dentro dos muros da terra amparada por Sancta Maria da Oliveira se instituiu essa Congregação, é justo que o seculo e meio da sua existencia se commemore, quando mais não seja, pela recordação dos factos, que prepararam e acompanharam, aqui, a sua fundação.

É o que vamos fazer, seguindo um escripto coevo, nada vulgar<sup>2</sup>.

A 26 de outubro de 1744, segunda-feira, entraram em Guimarães, enviados pelo arcebispo D. José, quatro padres da Companhia de Jesus, essa corporação cujos serviços á egreja e á sociedade são tão relevantes, que em vão tenta amesquinhal-os, desvirtuando-os, a louca furia de escriptores pouco conscienciosos.

Sou (vá entre parenthesis porque vem a talho de foice) sacerdote secular e dos que mais prezam as liberdades politicas que Portugal usufrue, e nem por isso receio a restauração das ordens religiosas; a pretendida rivalidade entre o clero regular e o secular não me assusta, antes, a existir, julgo-a de certo modo conveniente, porque induzirá um e outro ao cumprimento mais exacto da sua missão, que é para todos a mesma: *docete omnes gentes*.

Bemvindo, pois, seja o dia em que os nossos legisladores, depondo o pueril respeito humano que os entibia, dotem o seu paiz com essas instituições, que os verdadeiros e sensatos portuguezes, amantes do legitimo progresso da sua patria, ha muito ambicionam!

Continuemos.

Na rua de Sancta Luzia o povo, a nobreza, os religiosos, o clero, a cuja frente se destacam muitos dos conegos da

<sup>1</sup> Memoria, apresentada no Congresso Catholico de Braga, pelo padre Bento J. Rodrigues, pag. 24.

<sup>2</sup> Este escripto, impresso em Coimbra, no real Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1744, tem por titulo *Guimaraens combatido, assalto da penitencia, triumpho da virtude*. É uma epanalora metrica em um canto, composto de 143 oitavas, de que é auctor o bacharel em Canones, Ignacio Carvalho da Cunha, arcepreste da Collegiada, e dedicada ao Arcebispo Primaz, D. José de Bragança. O erudito continuador do *Dicc. bibliographico portuguez*, o sr. Brito Aranha, tomo XI, pag. 262, menciona esta obra, cujo conhecimento obteve do sr. dr. José Carlos Lopes, que possui um exemplar e apenas conhece outro existente na bibliotheca do Porto. Além d'estes damos aqui noticia de mais dois, existentes em Guimarães, um na bibliotheca da Sociedade Martins Sarmento e outro na da Associação Clerical; não conhecemos outros. A *Bibliotheca Lusitana*, de D. Barbosa Machado, tomo II, pag. 534, fornece acerca d'este auctor, diferentes notas biographicas e bibliographicas, desconhecidas do sr. Brito Aranha.



Collegiada, uma multidão enorme espera ansiosa os padres Pedro Calatayud, Fernando Ibãnes, João Carvajosa e Manuel de Torres, que finalmente atravessam a ponte já acompanhados de numerosa comitiva, que a maior distancia os havia ido aguardar, e se dirigem ao templo de Nossa Senhora da Oliveira, onde do pulpito o padre Calatayud annuncia o fim que tem em vista: a prégão do Evangelho, extirpar o mal, incitar á virtude.

O talento, já conhecido, de Calatayud desenvolveu eloquentemente a these proposta e empregou tão a proposito os affectos, que todos os corações se commoveram tão sentidamente

« Que se a Oliveira alli não se ostentára,  
O dilúvio do pranto não cessára. »

Estava ganho o auditorio, assegurada a concorrência á missão, que d'ahi por diante foi cada vez mais numerosa, a ponto de ser necessario dividir os assistentes, prégando os missionarios simultaneamente em logares diversos. Repleta a Collegiada, distribuiam-se os fleis pelo Campo da Feira, onde á porta da Ermida<sup>1</sup> prégava Ibãnes, e pela igreja de S. Francisco, onde prégava Carvajosa. Esta medida não foi ainda bastante para attender á doutrinação da gente, que da villa e freguezias do termo acudia pressurosa, atrahida pela fama dos missionarios; foi necessario lançar mão d'outro expediente.

O terreiro de S. Francisco, povoado de frondosas arvores, prestava-se ao intento, e por isso ahi se levantou um pulpito d'onde se clamava a reforma dos costumes.

As freguezias ruraes, cantando a Ave Maria, acompanhadas dos respectivos parochos, entravam processionalmente, de cruz alçada, em Guimarães, cada dia pequeno numero, para caberem no recinto

« E ainda assim era tanto o ajuntamento,  
Que não cabia das Missoens no assento. »

A 8 de novembro, ao anoitecer, sahiu da igreja de S. Francisco uma procissão, denominada do *assalto geral*, porque n'ella se declarava guerra aos vicios. Presidida pelo bispo de Aptalonia, D. Eugenio Boto da Silva, coadjutor do Arcebispo Primaz, dirigida pela nobreza da terra, acompanhada pelo clero e pelos frades franciscanos, entremeiada de côros musicaes, a procissão rodeou Guimarães, ouvindo-se durante o percurso a voz de 24 prégadores, além de dois religiosos, um franciscano, outro dominico, que prégaram em S. Francisco, e estacionou no Tournal, onde o padre Carvajosa terminou a serie dos sermões,

<sup>1</sup> A construcção da actual igreja do Campo da Feira começou em 1759.

convidando os fleis a que lançassem mão das *armas do entendimento para combaterem o gosto*.

Quiuze dias depois, a 23 do mesmo mez, organisou-se uma outra procissão, a de penitencia, que foi presidida pelo dr. Francisco da Cunha Rebello, logar-tenente do D. Prior e Vigario geral de Guimarães, e dirigida como a primeira pelos nobres, sabindo igualmente de S. Francisco. Na frente caminhavam as creanças, em seguida os homens, os estudantes, os religiosos, o clero, levando todos os instrumentos de penitencia e mortificação, e rodeando a villa vêm, escutando no caminho 28 prégadores, parar no Tournal, onde o Carvajosa com



S. MIGUEL

*tremenda eloquencia, zeloso ardor, peito alentado, clama a todos que busquem nas confissões carta de guia.*

No domingo immediato, 29 de novembro, realisou-se a communhão geral, ministrando-se a sagrada Eucharistia em S. Domingos e em S. Francisco, aqui ás mulheres, acolá aos homens. Communharam 12:600 pessoas e celebraram-se mais de 500 missas.

Com este acto e com o sermão sobre a perseverança e despedida, prégado por Calatayud na tarde do mesmo domingo, terminou a missão geral, durante a qual, além dos sermões, das procissões e de duas praticas especiaes á justiça e nobreza, foram prégados 23 pelos missionarios sobre os assumptos proprios da missão. Estes assumptos, que por brevidade omitimos, podem vêr-se na obra citada.

Os padres jesuitas não se retiraram logo, ainda se demoraram 17 dias, que empregaram em missões especiaes.

Os exercicios de Sancto Ignacio ministrados ao clero foi a primeira occupação dos missionarios e com sobejo motivo,

porque era este o que deveria velar pela conservação dos fructos auferidos na missão e ninguem põe em duvida

« Que não ha peyor mal, que almas derrote,  
Do que o exemplo máo de hum sacerdote. »

Os exercicios espirituaes do clero, concorridos por 112 ordenandos e por 228 conegos, abbades, curas e presbyteros, effectuaram-se sob a direcção de Calatayud na igreja de S. Damazo. Á similhaça do que se havia praticado na missão geral, tambem durante os exercicios se fizeram duas procissões; a primeira, no sexto dia, presidida pelo arcepreste da Collegiada, Ignacio Garvalho da Cunha, auctor da obra que temos diante de nós, prégando ao recolher o abbade de S. Faustino de Vizella, Amaro José de Passos Leite

« A cuja exclamação com dôr vehemente  
Não ha peilo, que em pranto não rebente. »

A segunda, no nosso dia, acompanhada pela Ordem Terceira Franciscana, recolheu-se á igreja de S. Francisco, onde prégou o padre Carvajosa. No decimo dia terminaram os exercicios com missa solemne e communhão geral do clero.

Emquanto Calatayud dirigia os exercicios, os restantes missionarios doutrina-  
vam os presos, aos quaes foram dados quatro jantares, sendo as ignarias conduzidas processionalmente e com grande pompa. O primeiro foi á custa da nobreza, o segundo do cabido, o terceiro das justicas e o quarto dos abbades. Foram postos em liberdade 12 presos.

Em seguida foram dados exercicios nos quatro conventos de religiosas, Clarissas, Carmelitas, Capuchas e Dominiccas.

Finalmente Calatayud e seus companheiros, que se retiraram a 16 de dezembro depois de 51 dias de demora, para corôa e remate d'estes apostolicos trabalhos,

« Vendo que em unioens, o amor se augmenta,  
Uma Congregação fazer-se intenta. »

Esta foi a **Congregação do Sagrado Coração de Jesus**, fundada na igreja da Misericordia, que foi escolhida para séde da piedosa associação, porque

« Neste emporio do amor, templo elevado,  
A illustre Irmandade he bem contente,  
Que de Jesus ao Coração Sagrado  
Se renda culto, e devoção se augmente. »

Inaugurou-se a Congregação com maxima pompa e solemnidade em dia que o *Guimaraens Combatido* não designa; nem nos foi possivel descobrir no archivo da Misericordia; o mez e anno é

conhecido — dezembro de 1744 — e por conseguinte, como a principio dizemos, é o 150.º anniversario da fundação, que n'este mez se celebra e aqui deixamos registrado.

A julgar pelo prazer com que a nova associação foi acceite dos vimaranenses, deve concluir-se que ella exerceu benéfica influencia sobre os costumes de nossos maiores; são porém desconhecidas para nós as vicissitudes por que no correr dos tempos ella passou até que cahiu no olvido; fique todavia esta commemoração, que recorda uma das tradições gloriosas de Guimarães, conservada por um dos alumnos da Academia vimaranense, que ao transmittil-a á posteridade assim começa o seu canto:

• Eu, que até agora em jubilos profanos  
Frustray de Appollo inspiraões ardêntes,  
E alguns versos compuz da vida enganos,  
Ladrosens do tempo, escandalo das gentes.  
Agora em repetidos desenganos  
Á vista expostos, e á razão patentes  
Proporcionando a lyra ao som do pranto,  
Delictos choro, e penitencias canto. »

Modernamente a Associação do Sagrado Coração de Jesus foi restaurada em Guimarães, installando-se, depois de alguns annos d'estada na igreja do Campo da Feira, na de S. Domingos em 20 de janeiro de 1882. Conta 4:969 associados.

Além d'esta existem no concelho as seguintes: Cadoso (S. Martinho) com 1:750 associados, Moreira de Conegos com 1:094, Mosteiro de Souto com 1:368, Ponte com 388, Ronfe com 1:919, Sande (S. Martinho) com 1:020, Caldas de Vizella (S. João) com 584, Vizella (S. Paio) com 1:100, e cuida-se da erecção d'uma em Tagilde, que é, a nosso vêr, condigna commemoração da que em 1744 ali foi estabelecida pelo mesmo Calatayud, e de que ainda existem os estatutos<sup>1</sup>.

Tagilde, dezembro, 1894.

O. G.

## SECÇÃO LITTERARIA

### Sobre crenças

(Após a leitura da Resposta ao Syllabus — poesia por Guerra Junqueiro)

Ouve, Guerra Junqueiro, as coisas que eu te digo:  
Sólto d'essa prisão do blasphemar antigo  
Erga o vôo teu genio aos paramos da luz,  
Qual aguiã que se eleva ao astro que a seduz.  
Tudo se modifica e tudo se renova?  
Pois bem. Podes mostrar d'essa verdade a prova,  
Modificando a ira e renovando a crença.  
Onde está tua fé? ... Poeta! medita e pensa.

<sup>1</sup> Vide Tagilde, memoria historico-descriptiva, na Revista de Guimarães, vol, XI, pag. 21.

Quem hontem era hereje acurve-se, contracto.  
Vem de Deus a verdade e Deus não é um mytho.  
Elle — o superno Auctor da vastidão do mundo!  
Derruir quanto fez o seu poder profundo  
É impossivel: a Cruz ha de sobreviver.  
Como é que pôdes tu, Junqueiro, pretender  
Cerrando em tua mão madonho hoz — o mal,  
Levar aos encontrões a Igreja universal,  
E fazel-a, no chão, cahir sem equilibrio.  
Por entre o gargallar da troça e do ludibrio?  
A trajetoria immensa e fuleta da verdade  
Não se pide suster com a facilidade  
Com que um homem sustém um veio d'agua fino.  
Ativar a justiça, o bem, o que é divino  
As fugueiras do olvido, é coisa inexcoquível:  
Reduzires a cinzas o quê? O incambustivel!  
Genio! possa Lusbel dizer a Victor Hugo  
Que deixaste de ser das crenças o verdugo!

..... Poeta,  
A espada dos atheus, sobre os christãos erecta,  
O verbo de Renan, e os odios d'Aronet,  
Mortes, mulsinações, denunciações de Guadet,  
Doestos furias, ... emfim tudo que seja  
Tendente a perseguir a Christo, a sua Igreja,  
(Verbi gratia: a Velhice e a Morte de D. João)  
Nada faz desmaiar a santa Religião  
Que se alteia formosa e bella em nosso peito.  
É mais grato viver ao Papa e a Deus sujeito,  
Que ser do vicio escravo e da miseria immensa  
Que pretendo apagar o sol da nossa orença  
E destruir o Céu — patria do desterrado!  
Se consciencia tens, Poeta, ouve seu brado.  
Não se oppõe ao Progresso a lei de Jesus Christo.  
Vao pensar ... vao pensar maduramente n'isto,  
E deixarás, alfin, o campo da peleja,  
Amaldicoando o Inferno e bemdizendo a Igreja.

Amigo, o vicio, então, ha de dizer-te: — « Pára;  
« Co'a foice da heresia a ceifar volta a seara  
« Das crenças puras; vem, segundo o tempo antigo  
« Do Christianismo ser indomito inimigo,  
« No gozo e no prazer olhar a divindade,  
« A protervia chamar irmã da Liberdade,  
« Um louco ao Nazareno e impura á Virgem Santa.  
« Sim; contra o que é celeste, a ferrea mão levanta;  
« Pede alentos á Musa e tudo que é preciso  
« Pra destruir a Deus, o Inferno, o Paraíso. » —

Então, eximio Poeta, assim responderis:

« Eu obedeço ao Céu, e não a Satanaz;  
« Defendo o Christo, o dogma, o Papa, o Vaticano,  
« Da guerra que lho faz o Mat'rialismo insano,  
« Vibrando, destemido, o erro e a negação.  
« Cessou para com Deus a minha ingratiidão;  
« O orgulho repelli; abandonei Voltaire;  
« Eu impio já não sou: a lyra não desfero  
« Blasphemias contra o Céu. Sim; reconheço agora  
« Na Fé a eterna luz, na Crença a eterna aurora! »

Poeta! Christo é Deus, Deus santo e verdadeiro.  
Adora-o, por quem és. Converte-te, Junqueiro!

Beja, 9-11-94.

José MARIA ASÇÁ,

Vice-reitor do Seminário de Beja.

## SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

Anno Christão. — Foi já distribuida a caderneta n.º 14 d'este excellente *Flores sanctorum*, publicado pelo benemerito editor catholico portuense o sur. Antonio Dourado.

Seria superfluo fazer o reclamo d'esta obra, que por si mesma se recommenda, sendo bem digna de figurar na estante de todos os amadores de bons livros. Contando, dia a dia, a vida

dos santos, explanando o texto dos Evangelhos das suas festas e offerecendo frequentes e piedosas meditações sobre as grandes verdades do christianismo, o *Anno Christão*, ao mesmo tempo que presta leitura amena e instructiva, é um vasto repositorio de conceitos seguros e proveitosos em ordem á sanctificação das almas.

Acresce ainda a circumstancia de ser uma obra baratissima, 100 reis por cada fasciculo de 40 paginas de texto em quarto a duas columnas e seis estampas impressas separadamente.

Mais uma vez o recommendamos aos nossos leitores, nomeadamente aos sacerdotes, que n'esta obra encontrarão um auxiliar poderoso para o exercicio do seu sancto ministerio. Sabemol-o pela experiencia propria.

Vida e milagres de Sancto Antonio de Lisboa. Edição illustrada commemorativa do 7.º centenario, pelo presbytero Fernando Thomaz de Brito. Lisboa, 1894.

É um bom livrinho. Escrever de Sancto Antonio n'um paiz onde o conhecimento da sua vida e milagres é tam commum como popular e profundamente arreigada a sua devoção, e fazel-o por forma attrahente e de modo a prender as attentões, é empreza nada facil e que muito honra o reverendo Fernando Thomaz de Brito, que conseguiu levalla a cabo. A sua obra tem este raro merecimento — o de lêr-se com interesse, desde a primeira á ultima pagina, não obstante a gente saber já, préviamente, o que ha de encontrar no decurso da leitura.

Pois quem ha ali que não aprendesse, desde a mais tenra infancia, a amar o glorioso thaumaturgo, conhecendo os seus grandes merecimentos e a sua poderosa intercessão junto do throno de Deus pela narração circumstanciada de tantos e tam portentosos milagres, que andam na bocca de todos?

Parabens ao reverendo snr. padre Fernando Thomaz de Brito, e mil agradecimentos pelo exemplar que nos offereceu.

Aos devotos de Sancto Antonio, que são todos os portuguezes amantes das glorias da sua terra, recommendamos a aquisição da *Vida e milagres de Sancto Antonio*, cujo custo é apenas de 600 reis, revertendo o producto das vendas a favor das escolás *Caridade e Divina Providencia*, da freguezia da Encarnação, de Lisboa, o que é mais um poderoso motivo para que todos a comprem, auxiliando, assim, uma obra de tam largo alcance.

Os ultimos cinco capitulos contém uma noticia historico-descriptiva da ba-



silica de Sancto Antonio, em Padua, e da igreja de Santo Antonio, em Lisboa.

A edição, impressa em bom papel com excellent typo e 30 magnificas gravuras intercaladas no texto, honra sobremodo os prêlos da Companhia Nacional Editora.

\*

Novo Mensageiro do Coração de Jesus. — Publicou-se já o n.º 165, correspondente ao mez de dezembro, com o qual fica completo o tomo XIV d'esta excellente revista, a melhor, com certeza, e a de mais largos e duradouros resultados, que se publica em Portugal.

Creada para promover e propagar o reinado social de Jesus Christo e para defender corajosamente os interesses do seu amantissimo coração, tem desempenhado fielmente a missão, que desde o principio se impoz, cortando a direito, sem respeitos humanos nem considerações estupidas de pretendida prudencia.

Apontando e combatendo erros, corrigindo desmandos de linguagem na imprensa maçonico-jacobina, dando assim salutaes conselhos e apresentando, ao mesmo tempo, um noticiario sempre variado e selecto, o *Orgão do Apostolado*, em Portugal, bem merece da religião, cuja gloria busca tam zelosamente, e da patria, cujos interesses promove, pugnando por tudo o que pôde engrandecela e restituir-lhe o prestigio e a grandeza, que só o esquecimento de Deus e dos seus beneficios poderá roubar-lhe.

Desejamos ao collega uma vida prospera e desafogada, e fazemos votos por que os associados do divino coração o propaguem largamente, promovendo-lhe o maior numero de assignantes!

Eis o summario do presente numero: *Intenção geral d'este mez. As novas christandades em Africa. Missões. O socialismo, sua relutação. Amigos do Coração de Jesus, Garcia Moreno. Defesa dos interesses do Coração de Jesus. Graças do Coração de Jesus. Em Gôa, sonetos de J. S. G. Interesses do Coração de Jesus. Bibliographia. Carta 30.ª a um novo portuguez na India. Indice chronologico. Indice alphabetico. Erratas.*

## SECÇÃO ILUSTRADA

S. Miguel

(Vid. pag. 273)

A descripção da gravura irá no numero seguinte.

## RETROSPECTO

Ainda se não fechou o parlamento. O recinto *sagrado do sanctuario das leis*, como se lhe chamava nos bons tempos, em que, por serem poucos os desilludidos e muitos os enganados, era numerosa a phalange dos crentes na efficacia da moderna panacea parlamentar, tem apresentado, por mais de uma vez, durante o actual periodo legislativo, o aspecto d'um *comicio* de senhoras comadres zangadas e que, por isso, se descompõem mutuamente, dizendo-se, em termos desabridos, verdades amargas e fazendo-se as mais espantosas recriminações! Um *palramento comme il faut*, á altura d'este *fin de siècle*, que bem pôde chamar-se o tempo da liquidacão de todos os desmandos governativos, visto o descredito que homens e instituições vêm accumulando sobre si mesmos. Mas, allinal de contas, o que se tem apurado de toda aquella eloquencia, d'aquelles raptos oratorios, inspirados, *decerto*, pelo zêlo dos interesses nacionaes, em que se abrazam os peitos dos illustres paes da patria? Ficar-se sabendo que os fogosos deputados têm, *em regra*, excellentes pulmões e, porventura, mui fracas razões.

É, de resto, uma das caracteristicas do sistema — berrar muito para dizer pouco e subir o mais que se puder!

Ah! se a gente podesse levar isto a rir...

\*

Registre-se, porém, uma excepção honrosa. Os dignos paes do reino, na camara alta, têm mantido o prestigio d'aquella assembleia, não se permitindo desmandos e excessos de linguagem.

Fallou ali, e fallou eloquentemente, o illustre conselheiro Barros Gomes, profligando, sempre de luva branca e com rara energia e bem deduzida argumentação, a reforma administrativa do ex-ministro José Dias Ferreira, que, deixando ás juntas de parochia pesados encargos, lhes tirou a possibilidade de poderem satisfazer-os, offendendo ao mesmo tempo as tradicionaes garantias populares e o sentimento religioso d'este bom povo portuguez, que não pôde vér, sem magua, a pobreza a que, por aquella nefasta (para lhe não chamar propositada) reforma, ficaram reduzidos os actos do culto.

Em letras d'ouro merecia ser insculpido o memorando discurso do illustre estadista, que conseguiu um verdadeiro triumpho oratorio, castigando, n'uma fórma elevada e correcta e com um desassombro proprio de quem põe um dever de consciencia acima de todas as conveniencias da politica, os absurdos da alludida reforma. Terá, porém, uma con-

sagração ainda mais digna, pois ficará para sempre gravado no coração de todos os verdadeiros catholicos portuguezes e será, para todos, em qualquer situação que se encontrem, um incitamento poderoso para reanimar energias e imprimir vitalidade e coragem a tantos que, dispondo de bons talentos, por fraqueza ou mal entendida prudencia, os escondem.

\*

Primoroso na fórma e não menos energico no dizer, foi tambem o discurso proferido n'aquella mesma assembleia e sobre o mesmo assumpto, pelo venerando Arcebispo-Bispo do Algarve, na sessão de 13 do mez passado.

Combatendo a iniqua disposicão do decreto de 6 de agosto de 1892, na parte relativa á organisação das juntas de parochia, s. exc.ª rev.ªª teve uma argumentação vigorosa, clara e irrespondivel, que não deixa absolutamente logar a subterfugios.

Sinto devêras que a natureza d'esta secção me não permitta trasladar para aqui toda aquella peça oratoria, em que se revela, com evidencia, o zêlo pastoral do illustre prelado.

Alguns trechos apenas, os quaes bastam para se fazer ideia do que foi o bello discurso de s. exc.ª rev.ªª:

.....  
«Assim é que, pelo decreto de 6 de agosto, têm as juntas de prover ás despesas com a construcção, reparação e conservacão da igreja parochial; ás despesas com o culto, vasos sagrados, paramentos, alfaias, guizamentos, etc.

Estas despesas são muitas e muito importantes.

É que meios têm as juntas de parochia para satisfazer-as?

Qual é a receita de que, segundo o decreto de 6 de agosto, as juntas podem lançar mão para se desempenharem dos encargos, que o mesmo decreto lhes impõe?

São, em primeiro logar, os bens e rendimentos da fabrica da igreja.

Ora, é de notar, snr. presidente, que a maioria, a quasi totalidade das fabricas das igrejas parochiaes, não têm bens alguns, absolutamente nenhuns.

Os poucos bens, que uma ou outra possuia, e cujos rendimentos eram applicados ás despesas do culto, tiveram a sorte, infelizmente, destinada pelas leis da desamortisação a todos os bens de origem e proveniencia ecclesiastica; quer dizer, foram ou têm sido postos em praça e vendidos por um preço, geralmente insignificantissimo, e muito inferior ao seu valor real.

O producto d'estas arrematações tem sido convertido em inscripções, averbadas ás juntas de parochia, e que, pelo

decreto a que me estou referindo, passaram para as camaras municipaes.

E assim, esta fonte de receita, que o decreto deixou ás juntas, pôde dizer-se que *desappareceu completamente*.

O mesmo deverá pensar-se com relação aos direitos que, por lei ou estylo, as fabricas estiverem auctorizadas a receber nos baptismos, casamentos e obitos, visto que a uma grande parte das fabricas não é permittida a recepção de semelhantes direitos.

Não será temeridade asseverar-se que a outra fonte de receita, constituida pelas dividas activas da fabrica, pouca ou nenhuma importancia têm, com respeito a muitas parochias, pela simples razão de que não existem taes dividas.

E assim, snr. presidente, pôde dizer-se que os meios ou a receita, de que as juntas poderiam dispôr para satisfazer os encargos, a que são obrigadas, estava no exercicio das facultades que a legislação anterior ao decreto lhes garantia, de cobrarem uma percentagem adicional ás contribuições directas do estado.

Desde que as juntas foram privadas d'esse recurso, pôde dizer-se que não têm absolutamente meios nenhuns para occorrerem aos encargos que a lei lhes confere.

E não se objecte que, podendo as juntas collectar as irmandades ou confrarias das egrejas para a fabrica ou despezas do culto, terão ahí meios abundantes para a satisfação dos seus encargos.

Em primeiro lugar, em muitas das egrejas parochiaes não ha irmandades nem confrarias legalmente erectas, por consequencia não podem ser collectadas; e em segundo lugar, quando n'uma ou n'outra egreja haja uma irmandade ou confraria legalmente erecta, dar-se-ha porventura o caso de não poder ser compellida a contribuir para as despezas do culto, ou por falta de materia collectavel, ou porque lhe não sobrem os meios para realisar os fins proprios da sua instituição.»

Uma das partes do discurso do illustre prelado, que tiveram mais largos applausos da camara (o que mostra que a doutrina exposta estava no animo de todos os dignos pares) foi aquella em que s. exc.<sup>ma</sup> rev.<sup>ma</sup> reivindicou, para os parochos, a presidencia das juntas de parochia.

Bil-a :

« Eu pedirei ainda ao governo que, tratando de remodelar ou rever a actual legislação administrativa, procure supprir uma lacuna que n'ella existe, na parte em que, afastando-se das disposições do codigo administrativo de 1842,

priva os parochos da presidencia das juntas de parochia.

Esta disposição, snr. presidente, parece-me insustentavel, principalmente se se attender a que, em face da legislação presentemente em vigor, as attribuições das juntas de parochia são de indole e de natureza meramente ecclesiastica, tornando-se, por isso, pouco ou nada proprio da dignidade, character e auctoridade do parochio, que este tenha n'aquella corporação um logar secundario, como acontecerá sempre que seja investido na presidencia um qualquer seu parochiano, que não reuna as precisas habilitações para bem desempenhar semelhante cargo. (Apoiados).

Depois, snr. presidente, se as juntas de parochia se deixarem possuir do espirito politico, embrenhando-se em luctas partidarias, mais ou menos agitadas, todos comprehendem como ellas podem crear attritos e levantar difficuldades ao clero parochial no exercicio das suas funções religiosas.

Eu não estou phantasiando; mais de um facto d'essa ordem tem vindo já ao meu conhecimento.»

Ora, quem é que os não conhece?

Que, na verdade, (diga-se sem offensa para os dignos) elle sempre ha por esse mundo cada presidente de junta, cada

Referiu-se, por ultimo, o illustre prelado á necessidade de se não permittir que as eleições continuem a fazer-se dentro das egrejas por causa dos grandes desacatos e irreverencias que n'ellas se commettem.

Ouçamos o venerando orador :

« Pretendo referir-me, snr. presidente, á pratica seguida entre nós, ou á disposição legal, se tal disposição existe, que manda proceder ás eleições politicas e administrativas dentro das egrejas.

É raro, é rarissimo verificar-se o acto eleitoral, com a serenidade e a ordem desejada.

Quando não haja de lamentar alguns d'esses factos criminosos e violentos, que se traduzem na offensa da vida dos cidadãos, ha sempre, ou quasi sempre, que sentir as irreverencias, faltas de respeito, abusos e desacatos praticados no logar sancto, no logar destinado á oração e ao exercicio do culto, e tudo isto, que é gravissimo, commettido no dia do Senhor e na occasião mesmo em que se celebra o mysterio mais augusto da religião catholica, que é a religião do reino, a religião que, felizmente, todos nós professamos.

Snr. presidente, os christãos, os homens de bom pensar, não podem deixar

de sentir profunda magua, ao presenciarem os desmandos, ao ter conhecimento dos actos inconvenientissimos, quando não devam classificar-se de verdadeiramente escandalosos e sacrilegos, que muitas vezes se praticam dentro dos templos por occasião das eleições.»

Bem haja s. exc.<sup>ma</sup> rev.<sup>ma</sup> Aquillo está, effectivamente, a pedir vassourada.

Os novos vendilhões do templo (nas eleições mercadejam-se consciencias) merecem azorrague, e ninguém mais auctorizado para applicar-lh'o do que os venerandos prelados, a cujo munus pastoral compete o serem guardas vigilantes da honra do Pae celeste.

Ainda bem que ss. exc.<sup>mas</sup> rev.<sup>mas</sup> não faltam a este dever.

Tiveram a sua conferencia annual os venerandos prelados do reino presentes em Lisboa, por motivo das sessões da camara alta, onde ss. exc.<sup>mas</sup> rev.<sup>mas</sup> têm assento.

Nada se sabe de positivo a respeito das resoluções alli tomadas.

Sejam, porém, quaes forem, não duvidamos de que, discutindo-as, os illustres e venerandos pastores tiveram sómente em vista a maior gloria de Deus e o legitimo interesse da patria. É d'isso fiador o zêlo tantas vezes manifestado por ss. exc.<sup>mas</sup> rev.<sup>mas</sup>

Em desopilante cavaco.

— ? ...

— Pois vv. s.<sup>mas</sup> não conhecem o Gomes da Silva?

— Ha dois dias, sim; porque, até ahí, quem ouviu jámais fallar de tal personagem?

— Pois o caso é que o homem appareceu ahí um dia guindado ás alturas d'uma cadeira em S. Bento por mercê, e para regabofe, dos republicanos da capital, os quaes, a julgar pelo visto, têm pouco onde escolher quando tractam de procurar quem os represente...

— Que admira? Se elles se conhecem...

— ... e, depois que se viu investido nas grandes funções de *pae da patria*...

— Se é dos que foram a Badajoz, chame-lhe antes coveiro... ninguém o atura.

— É o caso de dizer-se: *Pilhou-se o piolho na camisa lavado*...

— É verdade. Ha dias deu-lhe para falar no parlamento...

— E que tem? Antes isso do que atirar pedradas.

— ... e com largo gesto e feia catadura...

— Se arranca a meia espada, *irado e não facundo*, tudo foge deante d'elle.

— ... começa a barafustar contra a educação ministrada pelos religiosos, dizendo que « não comprehende... »

— Mas, quem tem a culpa de elle ser tapado ?

— ... como se deixa ás casas religiosas o desenvolvimento da instrucção, enquanto se tira ao municipio as escolas cuja frequencia vem diminuindo nos ultimos tempos ».

— O que elle queria, sei-o eu : eram escolas regidas por aquella escoria, de que nos fallou o saudoso Pinto Coelho no congresso catholico de Braga.

— Mas não é só isso.

— ?!

— O homem pediu ao ministro do reino que lhe pozesse para alli, ás ordens, o relatorio da syndicancia ao ensino das congregações religiosas e não sei que outras armas *terribles*, com as quaes, decerto, vai fazer tremer os céos, a terra, o mar...

— Ih! co'a breca...

— Mas, então, preparemo-nos para... morrer...

— De medo ?

— De susto ?

— De riso ?

— Nem d'uma coisa nem d'outras. Aquillo, amigos, são bolas de sabão, que se evaporam ao mais leve sopro. O homemsinho bem sabe que, se as escolas dos religiosos são mais frequentadas, é porque os paes de familia têm a certeza de que seus filhos encontram alli, a par d'uma solida instrucção, uma educação esmerada — garantia que lhe não offerecem as outras escolas.

— As da tal escoria ?

— Demais, elle não se importa de que haja, ou deixe de haver, escolas dirigidas pelos membros das congregações religiosas. O que elle quer, com certeza, é dar na vista e convencer os seus amigalotes jacobinos...

— Outros que taes como elle.

— ... de que podem contar com elle para combater a reacção e o jesuitismo...

— Isto é, o catholicismo.

— ... assegurando assim a sua entrada no parlamento para as futuras eleições. Se elle não se mostrasse adverso ás congregações religiosas e ao seu ensino, seria indigno d'um mandato conferido pelos republicanos portuguezes, cujas ideias, a este respeito, são soberajamente conhecidas.

— Talvez, talvez !

— É com certeza !

— Maganão !

— Um *bon vivant* !

— Chamem-lhe tólo !

\*

Tenham vv. s.<sup>as</sup> paciencia. Hoje estou

em maré de expansão e, por isso, hão de permittir-me que lhes apresente um visinho, que vive aqui paredes meias commigo, ha perto de dois annos, e que só agora tive o gosto de conhecer.

Chama-se *O Desforço* e tem praça assente nos arraiaes jacobinos, ostentando a sua taboleta na rua Nova n.º 81, em Fafe.

É o caso que o pequeno (estão para lhe nascer os dentinhos e já balbucia papá), narrando, n'um dos seus ultimos numeros, o caso d'um rapaz, que não tendo podido « andar uma só vez em sua vida, como testemunham os moradores do seu bairro, ao passar a procissão... do SS. Sacramento » em Lourdes, e no momento em que o sacerdote o abençoava com a sagrada hostia, « deixou a cama e começou a andar », seguindo a procissão e subindo até á basilica, accrescenta : « Santissima terra aquella, em que a simples benção do primeiro sacerdote faz andar paralyticos ou aleijados ».

Não se falla assim, menino, porque parece mal. Ou o menino crê na possibilidade do milagre, ou não. Se crê, faz mal, chacoteando, porque insulta os seus irmãos de crença ; se não crê, tenha a coragem de negar abertamente, porque o contrario é cobardia.

Escolha o que melhor lhe convier.

\*

A proposito.

Ha pouco publicava o apreciavel jornal *A Nação*, sob o titulo de *Agua de Lourdes*, o seguinte, que, com a devida venia, transcrevemos :

« Do nosso estimavel collega de Aveiro, *Os Successos* :

« É, realmente, notavel o caso que aqui, ao pé de nós, a dois passos de distancia, por assim dizer, acaba de manifestar-se.

Lêmos no *Timbre*, d'Agueda, do dia 28 do proximo passado, o que segue :

« Pede-nos o nosso illustrado correspondente de Sever de Vouga que lhe digamos o que ha de verdade acerca d'um milagre operado, segundo a crença do povo, ainda ha pouco, n'uma mulher do visinho logar da Borrailha.

É certo que a mulher padecia d'um cancro no peito, que a sciencia julgava incuravel, pois que os resultados de diferentes operações não conseguiram exterminal-o radicalmente.

A pobre mulher via-se forçada a collocar na ulcera bocados de toucinho e peras assadas, para evitar a consumpção da sua propria carne.

Egualmente foi certo que, tendo ouvido fallar nos maravilhosos effeitos da

agua de Lourdes, e podendo obter d'um peregrino um frasco d'essa agua, não só lavou a ferida, como tambem bebeu.

É, ou fosse consequencia da lavagem, ou de cura miraculosa, o que é certo é que a chaga foi, pouco a pouco, desaparecendo, e a mulher encontra-se hoje completamente livre do terrivel mal.

Eis os poucos esclarecimentos que ora podemos dar ao nosso prezado correspondente.

Esperamos, todavia, obter, em breve, minuciosas informações, e, se o caso merecer mais largo desenvolvimento, fal-o-hemos para o numero seguinte. »

Archive-se para gloria da Mãe de Deus e dos homens e para confusão de todos os aspirantes a *espíritos... fortes*.

\*

N'outra parte do presente numero do *Progresso Catholico*, vae publicada a excellente pastoral do em.<sup>mo</sup> cardeal D. Americo, bispo do Porto, sobre *O Dinheiro de S. Pedro*. É um documento que põe bem em evidencia o zélo do eminentissimo purpurado e revela que não têm sido inuteis os seus esforços, pois os tem visto coroados com excellente resultado.

Do bem elaborado relatorio, que acompanha a pastoral, vê-se que as subscripções parochiaes attingiram uma verba importantissima, que manifesta, por uma fórma inequivoca, o zélo do clero parochial da diocese do Porto.

Entre os donativos particulares, fóra das subscripções parochiaes, figura o nobre prelado portuense com a importante verba de 100\$000 reis.

Que não esmoreçam os catholicos portuenses na sua dedicação para com o prisioneiro do Vaticano e que o seu exemplo seja estímulo poderoso para os das outras dioceses.

\*

Tenho aqui presente, sobre a banca de trabalho, o *Boletim mensal da Obra Diocesana de S. Francisco de Salles*, na Madeira, do qual vão os periodos abaixo transcriptos e pelos quaes se vê que no formoso archipelago se trabalha a valer na defeza dos interesses do Sagrado Coração de Jesus.

.....  
« É precisamente com esta esmola de dez reis por mez, dos nossos seis mil e setecentos associados e com os auxilios que nos têm vindo dos nossos quinhentos socios fundadores e bemfeitores, que estamos já conseguindo ministrar ensino nas nossas dez escolas da cidade e dos campos, a mais de quinhentos alumnos, fornecendo a muitos objectos escolares, alguma roupa para decentemente po-

derem frequentar a escola e a Igreja e comida para lhes matar a fome, sendo de notar que a maior parte d'estes alumnos foram recrutados nas familias, que ou não dariam educação religiosa e litteraria a estas creanças, ou consentiriam que o calvinismo que não educa, mas bestifica, se apoderasse d'ellas para os seus damnados fins.

O numero relativamente grande de alumnos, que, no primeiro anno d'existencia da nossa Obra, conseguimos recrutar nos termos já indicados, é um facto consolador e que nos remunera com excesso todas as nossas fadigas; mas quando nos assoma ao espirito a ideia de que este facto resume alguns serviços prestados á civilização do povo da Madeira, quando nos perpassa pela mente que os nossos alumnos tão queridos sahirão das nossas escolas, levando ao seio de suas familias as noções de verdade e de virtude que lhes gravamos no espirito e no coração, quando nos lembramos de que cada um dos nossos alumnos fundará, a seu tempo, uma familia alicerçada nos sanctos principios da fé, da honestidade e da honra, sentimo-nos possuidos d'um legitimo orgulho. »

Abençoados sejam os esforços dos associados n'esta obra de regeneração christã, e que o Sagrado Coração de Jesus, que lhes inspirou o pensamento de o levarem a cabo, lhes retribuia em graças abundantes a generosidade com que proseguem na propagação do seu reinado social, e lhes dê consolações abundantes como as que se adivinham na leitura do periodo seguinte :

« A Obra de S. Francisco de Sales com a abertura das suas escolas conseguiu desprender das garras do abutre calvinista alguns centenaes de creancinhas e concorreu efficaçmente, com as escolas de caridade já existentes, para despovoar as escolas da seita perversa, podendo affirmar-se com toda a segurança que estas não são hoje mais do que uma sombra muito pallida do que eram hontem. »

\*

Reuniram-se, ha dias, os alumnos internos e externos do nosso Seminario, com o fim de accordarem sobre o meio de conseguirem donativos para a aquisição d'uma imagem de S. Luiz de Gonzaga, patrono da Congregação de Nossa Senhora de Lourdes, canonicamente erecta na igreja do Seminario e já aggregada á Prima Primaria de Roma, e da qual só podem fazer parte estudantes.

Avante, briosos rapazes. Na devoção á Virgem e no culto do angelico Luiz de Gonzaga tendes um meio segurissimo

de perfeição, estímulos poderosos á virtude e um manancial fecundissimo de graças.

Avante !

PADRE J. A. RIBEIRO JUNIOR.

## SECÇÃO ADMINISTRATIVA

**Estando a terminar o anno de 1891, pedimos aos exc.<sup>mos</sup> snrs. assignantes em divida, o obsequio de mandar satisfazer a importancia dos seus debitos a esta administração. Esta revista é extremamente barata e por isso pedimos o favor de fazer os seus pagamentos ou aos exc.<sup>mos</sup> correspondentes, cujos nomes publicamos, ou por meio de carta registada a esta administração.**

**Pedimos isto encarecidamente e esperamos ser attendidos, allás teriamos de fazer a cobrança pelo correio, o que seria muito dispendioso.**

Aldeia Gallega do Ribatejo — O exc.<sup>mo</sup> e rev.<sup>mo</sup> snr. padre Theodoro de Sousa Rego.

Angra do Heroismo — O exc.<sup>mo</sup> e rev.<sup>mo</sup> snr. padre Frederico Amancio de Almeida Mendes.

Arcos de Val de Vez — O exc.<sup>mo</sup> snr. João Antonio da C. Bandeira, rua da Praça.

Arganil (Celavisa) — O exc.<sup>mo</sup> snr. Abilio Nunes Duarte.

Aveiro — O exc.<sup>mo</sup> e rev.<sup>mo</sup> snr. padre Daniel Tavares Nogueira, rua do Gravilo.

Barcellos — O exc.<sup>mo</sup> snr. Julio Joaquim Barreto, campo da Feira.

Boticas — O exc.<sup>mo</sup> e rev.<sup>mo</sup> snr. padre Candido Lourenço Pereira de Carvalho.

Braga — O exc.<sup>mo</sup> snr. Manuel Casimiro da Costa, largo do Barão de S. Martinho.

Brazil (Rio de Janeiro) — Os exc.<sup>mos</sup> snrs. Neves & Dias, rua do Ouvidor, 117.

Cêa — O exc.<sup>mo</sup> e rev.<sup>mo</sup> snr. padre Mauuel d'Almeida Fonseca (de Girabulhos).

Chaves — O exc.<sup>mo</sup> e rev.<sup>mo</sup> snr. padre Joaquim Marcellino Fontou, dignissimo director do collegio de S. Joaquim.

China (Shanghai) — O exc.<sup>mo</sup> snr. Bazilio A. da Cruz.

Covilhã — O exc.<sup>mo</sup> e rev.<sup>mo</sup> snr. padre José da Costa Oliveira Pinto.

Ericeira — O exc.<sup>mo</sup> snr. Uiamantino da Conceição Ramos.

Estremoz — A exc.<sup>ma</sup> snr.<sup>a</sup> D. Anna Rita de Jesus Caldeira Carvalho, rua de Frei Nuno, 2.

Fermentellos (Oliveira do Bairro) — O exc.<sup>mo</sup> e rev.<sup>mo</sup> snr. padre José Dias Urbano.

Funchal — O exc.<sup>mo</sup> e rev.<sup>mo</sup> snr. padre Ernesto Schmitz, Seminario.

Graciosa (Ilha) — O exc.<sup>mo</sup> e rev.<sup>mo</sup> snr. padre Theotonio Martins Pamplona.

India — O exc.<sup>mo</sup> e rev.<sup>mo</sup> snr. padre Manuel Maria de Miranda, dignissimo reitor do Seminario de Meliapôr.

Lagos (Benzafrim) — O exc.<sup>mo</sup> e rev.<sup>mo</sup> snr. padre Antonio José Nunes da Gloria.

Lavandeira (Figueiró dos Vinhos) — O exc.<sup>mo</sup> snr. Antonio Carvalho da Lavandeira.

Leiria — O exc.<sup>mo</sup> snr. José de Sousa Monteiro, rua do Commercio, 20 a 26.

Lisboa — O exc.<sup>mo</sup> snr. Manuel Pedro dos Sanctos, rua do Quelhas, 6.

Loulé (Salir) — O exc.<sup>mo</sup> e rev.<sup>mo</sup> snr. prior Pedro Teixeira Ramos.

Lousada — A exc.<sup>ma</sup> snr.<sup>a</sup> D. Laura Augusta Malheiro de Lencastre.

Macau — A exc.<sup>ma</sup> snr.<sup>a</sup> D. Severina Maria Sanches.

Macedo de Cavalheiros — O exc.<sup>mo</sup> e rev.<sup>mo</sup> snr. padre Francisco J. Teixeira Pavão.

Manteigas — O exc.<sup>mo</sup> e rev.<sup>mo</sup> snr. padre José Rabaça de Carvalho.

Murtosa (Estarreja) — O exc.<sup>mo</sup> e rev.<sup>mo</sup> snr. padre Manuel Joaquim Marques Frago.

Porto — O exc.<sup>mo</sup> snr. Joaquim Maria da Costa, largo dos Loyos (livraria).

Povoa de Varzim — O exc.<sup>mo</sup> snr. José Gonçalves da Silva (em Beiriz).

Refojos do Lima — O exc.<sup>mo</sup> e rev.<sup>mo</sup> snr. padre José Pedro Lopes Calheiros.

Sabrosa — O exc.<sup>mo</sup> snr. Miguel Augusto Saavedra.

Salreu (Estarreja) — A exc.<sup>ma</sup> snr.<sup>a</sup> D. Balbina Joaquina de Sousa Guimarães.

Sandwich (archipelago) — O exc.<sup>mo</sup> snr. Jacintho Manuel de Gouvêa, Hilo Hawaii, Box 119.

Setubal — O exc.<sup>mo</sup> snr. Francisco Maria da Silva, largo da Annunciada, 3 B — 1.º

Torres Vedras — O exc.<sup>mo</sup> e rev.<sup>mo</sup> snr. padre Antonio Joaquim de Queiroz.

Vianna do Castello — O exc.<sup>mo</sup> snr. Duarte Pereira Dias Ribeiro, rua de S. Sebastião, 159 (pharmacia).

Villa Real — Os exc.<sup>mos</sup> snrs. Pedro Maria do Prado, rua do Arco n.º 65, e D. Angelica dos Santos Lameirão, rua do Carvalho.

As assignaturas de Sandwich, da edição vulgar, importam em 15280 reis, moeda do reino.